

**REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA/LITERATURA: UMA PROPOSTA
DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DE COMO EXPLORAR A
INFERÊNCIA NO GÊNERO TEXTUAL TIRINHAS EM
QUADRINHOS**

**RETHINKING THE TEACHING OF PORTUGUESE
LANGUAGE/LITERATURE: A DIDACTIC-PEDAGOGICAL
PROPOSAL ON HOW TO EXPLORE INFERENCE IN THE
TEXTUAL GENRE OF COMIC STRIPS**

Rafael Curty Ribeiro 
José Ignacio Ribeiro Marinho 

RESUMO

Alicerçado teórico-metodologicamente em revisão de literatura, considerando-se o Ensino de Língua Portuguesa, a presente pesquisa, dividida em três seções, tem por objetivo geral apresentar uma proposta didático-pedagógica de como trabalhar o gênero textual tirinhas em quadrinhos com vistas à ampliação do repertório literário, baseando-se especificamente na ideia de inferência. Especificamente, o estudo objetiva-se, a princípio, refletir sobre o direito à leitura literária e à ampliação desta, sobremaneira na ambiência escolar; delinear questões (conceito, história e linguagem) vinculadas ao gênero textual tirinhas em quadrinhos; pontuar a inferência e a importância do trabalho desta em relação aos alunos (com base no documento parametrizador da BNCC), para, por fim, propor recomendações de trabalho com o gênero tirinhas em quadrinhos – para tanto, utilizamo-nos de uma tirinha, *Armandinho*, de Alexandre Beck.

PALAVRAS-CHAVE: Direito à leitura literária. Inferência. Tirinhas em quadrinhos.

ABSTRACT

Based on a theoretical-methodological review of the literature, considering Portuguese language teaching, this research, divided into three sections, has the general objective of presenting a didactic-pedagogical proposal on how to work with the textual genre comic strips with a view to expanding the literary repertoire, based specifically on the idea of inference. Specifically, the study aims, at first, to reflect on the right to literary reading and its expansion, especially in the school environment; to outline issues (concept, history and language) linked to the textual genre comic strips; to point out inferencing and the importance of working with it in relation to students (based on the BNCC's parameterising document), and, finally, to propose recommendations for working with the comic strip genre - to this end, we used a comic strip, *Armandinho*, by Alexandre Beck.

KEYWORDS: Right to literary reading. Inference. Comic strips.

INTRODUÇÃO

Teórico-metodologicamente, considerando-se a *práxis* didático-pedagógica do Ensino de Língua Portuguesa, assinala-se que este ensino ficou durante um considerável tempo relegado apenas à abordagem da Gramática Normativa sob uma ótica descontextualizada. Acreditamos que isso tenha alguma relação intrínseca com uma série de fatores, a saber: as abordagens linguístico-conservadoras de alguns livros didáticos; a defasagem das matrizes curriculares das licenciaturas em Letras; o espelhamento de novos professores de Língua Portuguesa em *práxis* pedagógicas de seus ex-professores, posto que estes ensinaram àqueles Gramática Normativa de um modo didático-pedagógico descontextualizado, dentre outros fatores.

Nesse contexto, é elementar delinear-mos que não desprestigiamos a abordagem da Gramática Normativa, dado que esta é imprescindível à vida escolar (e para além desta) do aluno. No entanto, circunscritos na posição de professores de Língua Portuguesa, devemos refletir e reavaliar sobre como este ensino é abordado nas aulas e se de fato ele tem importância.

Muitas vezes, por parte de uma série de professores, a abordagem dos gêneros textuais (sejam da esfera literária ou não) fica relegada a um segundo plano (quando sequer são explorados ou trabalhados de modo correto). Dessa forma, impossibilitando o direito à leitura literária e à ampliação do repertório desta.

Também, devemos considerar que, na ambiência escolar, é muito comum a dificuldade de inferenciação (operação de natureza intelectual em que ocorre uma proposição vinculada a outras operações) por parte dos alunos, ressaltando que esta é uma das maiores habilidades a serem trabalhadas com estes no contexto escolar.

Em se tratando disso, alguns desses gêneros textuais, como as tirinhas em quadrinhos, exigem do público-leitor uma alta capacidade de inferenciação. Trata-se de textos de ordem multissemiótica, posto que envolvem uma série de recursos, como a verbovisualidade (a associação entre palavras e recursos imagéticos), além de necessitarem de conhecimentos sobre o momento social contemporâneo por parte dos alunos, a fim de que consigam preencher as possíveis lacunas de sentido promovidas por meio da inferenciação.

Partindo de todos os pressupostos delineados até o presente momento, este trabalho, dividido em três seções, destina-se, a princípio, a tecer algumas considerações sobre a literatura como um direito e a ampliação desta na ambiência escolar; a salientar alguns aspectos (conceito, história e linguagem) vinculados ao gênero tirinhas em quadrinhos; e, por fim, a apresentar o conceito de inferência (assim como a importância desta no Ensino de Língua Portuguesa) e, com base em uma tirinha *Armandinho*, do cartunista e ilustrador catarinense Alexandre Beck, conceber uma proposta didático-pedagógica, com vistas à ampliação do repertório literário dos alunos.

Será recorrido a uma tirinha em quadrinhos da personagem *Armandinho* por essa dialogar instantaneamente com o contexto político, social e cultural contemporâneo. Portanto, é extremamente importante que haja uma apresentação prévia de outros gêneros textuais que se relacionam com a mensagem da tirinha em quadrinhos, para que os estudantes possam ser capazes de realizar as inferências, compreendendo, assim, os explícitos e implícitos do texto multissemiótico.

Para que alcançássemos êxito em nossos apontamentos e reflexões, em uma perspectiva metodológica qualitativa, baseamo-nos nas pesquisas empreendidas por Candido (2006 e 2011), Iser (1996 e 1999), Ramos (2016 e 2017), Koch e Elias (2015), Marcuschi (2008), dentre outros.

1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA COMO UM DIREITO E A AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO LITERÁRIO

A princípio, é importante refletirmos sobre o fato de que o Ensino de Língua Portuguesa, com o decorrer do tempo, passou por um rol de mudanças curriculares e de questões didático-metodológicas. Durante um tempo, priorizou-se uma abordagem teórico-metodológica com vistas ao ensino da Gramática Normativa, mas de forma descontextualizada, gerando, de certo modo, uma apatia dos alunos em relação à disciplina.

Atualmente, a posição de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica, no que se refere à práxis didático-pedagógica, tem-se voltado especialmente à questão do letramento literário, assim como à ampliação deste. O letramento literário é, consoante Paulino e Cosson (2009, p. 67), uma

“apropriação da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrados ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos”. Esse letramento vai muito além de ler textos literários, porque solicita do leitor uma atualização permanente em relação à literatura. Entretanto, ele não é somente um conhecimento que se aprende sobre literatura e seus textos, sendo compreendido especialmente como “uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço” (Souza; Cosson, 2011, p. 103). Barthes (2004, p. 16-17) vai ao encontro disso ao salientar que a literatura é uma escrita de um trabalho realizado com o “jogo das palavras”. Por sua vez, Silva e Silveira (2013, p. 96) definem o letramento literário como um:

[...] estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler o texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética; saindo da condição de mero expectador para a de leitor literário.

Embora não mencione exatamente a expressão “letramento literário”, a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, pelo Ministério da Educação, ao estabelecer as competências gerais e específicas, assim como as habilidades e as aprendizagens essenciais sobre as quais os discentes devem desenvolver durante as etapas da Educação Básica, veio fornecer subsídios para os professores colocarem em prática em suas aulas o letramento literário.

O ensino de Literatura é encaixado, dentro da BNCC, na área de Linguagens e suas Tecnologias, nos quatro campos de atuação em que se divide a disciplina de Língua Portuguesa (mais especificamente nos gêneros textuais que fazem parte do campo artístico-literário; contudo, assinala-se que alguns gêneros textuais, como as tirinhas em quadrinhos, situam-se entre os campos artístico-literário e jornalístico-midiático).

No que tange ao documento parametrizador supracitado, a Literatura, por meio de seus múltiplos gêneros textuais, ocupa mormente o campo artístico-literário, sendo compreendida como uma arte, entre tantas outras, que deve e precisa ser estudada em um diálogo com as práticas de linguagem. Esse documento destaca que a Literatura atinge seu potencial de humanização e transformação quando proporciona:

[...] a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores (Brasil, 2018, p. 156).

O Brasil somente teve políticas públicas com o olhar voltado para formar um público-leitor nas escolas a partir da década de 1980, mas sempre com projetos que não obtinham resultados satisfatórios. Em 1997, o Governo Federal criou o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE), que almejava distribuir obras literárias para as escolas públicas brasileiras, a fim de facilitar o acesso à cultura e ao conhecimento, e principalmente incentivar o hábito de leitura.

Nos anos seguintes, foram criadas outras políticas públicas voltadas para a leitura e a Literatura nas escolas, sendo uma das mais recentes o PNLD Literário, de 2018. Também no ano de 2018, foi instituída pela sanção da Lei nº 13.696/2018, em 12 de julho, a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), que assegura em seu artigo 2º o direito universal de “acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas” públicas do Brasil (Brasil, 2018).

Para Candido (2011), a Literatura vai muito além de uma mera disciplina da grade curricular de ensino, configura-se, pois, como um direito fundamental à humanidade e, devido às múltiplas desigualdades sociais que afetam o nosso país, muitas camadas não têm acesso a uma das perspectivas emanadas do texto literário: a construção estética promovida por este. Candido (2006, p. 84) enfatiza que a Literatura é um “sistema vivo de obras” que agem uma sobre as outras e sobre quem as leem. Ainda segundo Candido (2011, p. 176), a literatura é compreendida como:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as forças mais complexas e difíceis da produção escrita das civilizações [...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que não possa viver sem ela [...].

Partindo dessas ideias, um dos papéis da escola, especialmente por meio de seus professores de Língua Portuguesa e Literatura, é o acesso dos alunos à construção que caracteriza a criação ficcional e literária, presente em gêneros

textuais como “anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco” (Candido, 2011, p. 177).

Zappone (2008, p. 31), ao conceber o conceito de letramento literário, abarca outros gêneros textuais com traços ficcionais, como categoria de maior importância, como “audiência de novelas, séries, filmes televisionados, o próprio cinema, em alguns casos, a internet, a contação de histórias populares, de anedotas etc.”. Desse modo, para formar leitores de obras literárias, os professores devem buscar levar diferentes gêneros textuais para a sala de aula, a fim de mostrarem as diversas possibilidades do contato com a Literatura e a sua leitura.

A escola e seu corpo docente têm a missão de formar a competência leitora de seus estudantes e o ensino de Literatura apresenta papel essencial ao colocar o aluno em contato com o texto literário. Porém, não apenas isso, o professor deve buscar levar os discentes a perceberem o quanto a leitura de uma obra literária pode ser significativa e ampliar seus conhecimentos textuais, linguísticos e culturais. Cosson (2014, p. 36) defende a ideia de que as escolas funcionam como espaços físicos onde os estudantes partilham, compartilham e processam a leitura.

Para que o letramento literário de fato aconteça é fundamental que a escola possibilite ao estudante um contato diário com a diversidade literária, buscando atraí-lo para a biblioteca, além de apresentar-lhe a Literatura em sala de aula como forma de prazer. Souza e Cosson (2011, p. 103) ressaltam que o ensino de Literatura deve ser conduzido de forma que o estudante, na condição de leitor, indague ao texto “quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto [...]”.

Portanto, é imprescindível a ampliação do repertório literário dos jovens leitores no âmbito escolar, para que a construção estética, proposta por Candido (2004), não seja um obstáculo no que tange à compreensão e à fruição das obras literárias. A construção e ampliação do repertório literário é de extrema importância no processo de letramento literário do aluno, porque amadurece o leitor e possibilita a criação de estratégias estéticas variadas para a leitura de obras da Literatura.

Cosson (2016, p. 27) enfatiza que o ato da leitura acarreta uma troca de sentidos do leitor e escritor com a sociedade que está à sua volta. O leitor, ao longo de sua vida, acumula um certo repertório de leitura que é influenciado por fatores sociais, culturais e históricos. Esse repertório literário o possibilita a estabelecer diálogos entre os textos literários e lhe dá mecanismos estéticos que o auxiliam em próximas leituras literárias.

De acordo com Iser (1996), um dos maiores expoentes da Teoria da Recepção, para que o leitor compreenda o texto é preciso que haja uma interação desse leitor com o texto em uma situação contextualizada. O autor (1999, p. 97) destaca que “a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo”.

Para Iser (1996 e 1999), a interação que ocorre entre leitor e o texto é recíproca, havendo uma troca de sentidos entre os dois. O texto pode ter um significado e intenção, mas é o leitor, em contato com o texto em si, que dará um significado singular para o texto a partir de suas compreensões, reflexões e experiências adquiridas como leitor ao longo da vida.

Quando temos a figura do aluno como foco, segundo Calvino (2007, p. 13), “A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. É só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o ‘seu’ livro”. Assim, a escola deve ser o ponto inicial para formar leitores, mas ela deve buscar a formação de leitores para além do ambiente escolar, assim, quando o aluno sai da escola, deve continuar a buscar a Literatura.

A escola, circunscrita na posição de um organismo social, por meios de seus profissionais do Magistério, deve ampliar os horizontes do aluno-leitor por meio da apresentação da obra literária, fazendo-o pensar sobre sua própria vida e sua realidade. Segundo Yunes (2010, p. 55), a leitura:

[...] especialmente a interativa, desenvolvida sobre expressões artísticas que convocam o leitor e facilitam o desenvolvimento do pensamento crítico, encaminha a construção do próprio juízo e da própria opinião, favorece o aparecimento do desejo mobilizado pela co/moção, pela sensibilização da inteligência.

É importante destacar a importância de o Governo Federal (e dos demais órgãos) elaborar e colocar em prática políticas-públicas que forneçam aos membros da escola a capacitação didático-pedagógica necessária para formar leitores em sala de aula, cumprindo-se o segundo objetivo do Artigo 3º. do PNLE, que almeja “fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura, por meio da formação continuada em práticas de leitura para professores, bibliotecários e agentes de leitura, entre outros agentes educativos, culturais e sociais” (Brasil, 2018).

Urge que os professores, especialmente os de Língua Portuguesa e Literatura, percebam o quanto é importante trabalhar o letramento literário e reconheçam as potencialidades da Literatura e da leitura em sala de aula, para que sejam formados cidadãos leitores que conheçam a importância da Literatura como instrumento de reflexão e transformação da sociedade e deles mesmos. O gênero textual tirinhas em quadrinhos: conceito, história e linguagem.

Seguindo os pressupostos de Thierry Groensteen (2004), os quadrinhos (ao lado de seus gêneros textuais, como as caricaturas, as charges, os cartuns, as histórias em quadrinhos, as tirinhas etc.) constituem um sistema com linguagens e semioses específicas, que constituem sentido. Ramos (2016, p. 40) vai ao encontro desses pressupostos ao afirmar que:

As tiras e as demais formas de histórias em quadrinhos (charges, cartuns, quadrinhos de terror, de super-heróis, infantis, de faroeste etc.) compartilham a tendência de serem textos com sequências narrativas, que mesclam elementos verbais escritos e visuais e que se valem de uma linguagem com códigos próprios, a dos quadrinhos.

Quanto às tirinhas em quadrinhos em si, elas surgem no final do século XIX, com as publicações de *The Yellow kid* (“O Menino Amarelo”), do norte-americano Richard Felton Outcaul. Segundo Patati e Braga (2006, p. 23), o formato clássico das tirinhas, com geralmente três quadrinhos, surgiu devido à falta de espaço nos jornais e pela popularidade de suas personagens entre o público-leitor.

De acordo com Nicolau (2013, p. 30), as primeiras tirinhas em quadrinhos produzidas no Brasil, que foram veiculadas em jornais, são de autoria de

Maurício de Sousa, sendo a primeira do cãozinho chamado *Bidu*, publicada na *Folha de São Paulo*, em 18 de julho de 1959.

Figura 1: Primeira tirinha de *Bidu*, 18 de junho de 1959



Fonte: Efemérides do éfemello (2014). Disponível em: <https://efemeridesdoefemello.com/2014/07/18/nasce-bidu-primeiro-personagem-da-turma-da-monica/>. Acesso em: 7 de set. 2024.

A tirinha (figura 1), de Maurício de Sousa, creditada como a primeira tirinha brasileira, narra uma cena em que um maltrapilho discursa em gestos sobre um caixote de madeira. Algumas pessoas aglomeram-se para entender o discurso do homem, mas logo se dispersam por não o compreenderem. Por fim, sobra somente um menino de franjinha, demonstrando não entender nada do que o maltrapilho queria comunicar. Este desiste de ser compreendido e sai correndo, enquanto aquele levanta o caixote e debaixo dele sai o pequeno cachorrinho, *Bidu*. Ambos, na última cena, saem caminhando para a mesma direção, com o menino à frente e o cãozinho atrás. Nessa tirinha, não há a presença de linguagem verbal, sendo utilizada somente a linguagem visual – isto é, a ilustração em preto e branco.

Na disposição gráfico-narrativa, ela se difere da maioria das tirinhas produzidas na atualidade, que são apresentadas na forma horizontal – por ser criada na vertical, sua leitura é realizada de cima para baixo, não havendo sarjetas (divisão de quadrinhos entre uma imagem e outra), sendo a narrativa realizada dentro de uma única tira, dividida em nove cenas. Inicialmente, as tirinhas de Bidu eram publicadas em preto e branco, foi somente no ano de 1963 que saiu a primeira tirinha colorida, levando o público-leitor a descobrir que o cãozinho era azul.

Nos anos seguintes, as tirinhas ganharam propulsão com Ziraldo, em pleno regime civil-militar. Segundo Nicolau (2013, p. 36), a partir dos anos 1970, os cartunistas utilizam do espaço das tirinhas para tecerem críticas político-governamentais, além de retratar os problemas cotidianos. Na década de 1980, o gênero textual ganha força de publicação e é nessa época que Ziraldo cria a Agência Funarte. Consoante Nicolau (2020, p 16-17),

[...] a Agência Funarte [...] em seu auge contava com 15 desenhistas, chegando a publicar tirinhas, no caso de Chiclete com Banana, de Angeli e O Condomínio, de Laerte, em 18 jornais diários no Brasil. A Agência foi fechada por Collor de Melo no início dos anos 1990. Mesmo assim ela passou a existir como empreendimento livre com nome de Pacatatu, pelas mãos de Ricky Goodwin.

As tirinhas em quadrinhos diferem-se das histórias em quadrinhos, no dizer de Nicolau (2013, p. 17), por serem narrativas isoladas, sendo contextualizadas com a vida diária e apresentadas por três ou quatro quadros,

enquanto as histórias em quadrinhos são “roteirizadas, narradas e diagramadas em páginas ou revistas”.

Segundo Magalhães (2022, p. 15), os quadrinhos e as tirinhas apresentam suas narrativas desenroladas através de desenhos, balões de fala e pensamento, legendas e diálogos. O autor ainda acrescenta que as tiras “contam uma história completa, trazendo o clímax no último quadrinho” (2022, p. 13-15). Nicolau (2020, p. 28) ressalta que a característica básica das tirinhas reside no fato:

[...] de ser uma piada curta de um, dois, três ou até quatro quadrinhos, e geralmente envolve personagens fixos: um personagem principal em torno do qual gravitam outros. Mesmo que se trate de personagens de épocas remotas, de países diferentes ou ainda de animais, representam o que há de universal na condição humana. A estereotipia dos personagens facilita sua identificação por parte de leitores das mais diversas culturas. [...] [A tirinha se configura em] sequência narrativa em quadrinhos, humorística e satírica, que utiliza a linguagem verbal e não-verbal transmitindo, em sua grande maioria, uma mensagem de caráter opinativo. Através da utilização de metáforas, [a tirinha] se aproxima da representação do cotidiano, sendo capaz de burlar censuras e se afirmar dentro dos jornais impressos como um gênero jornalístico que apresenta as mesmas propriedades de uma crônica, artigo, editorial ou charge.

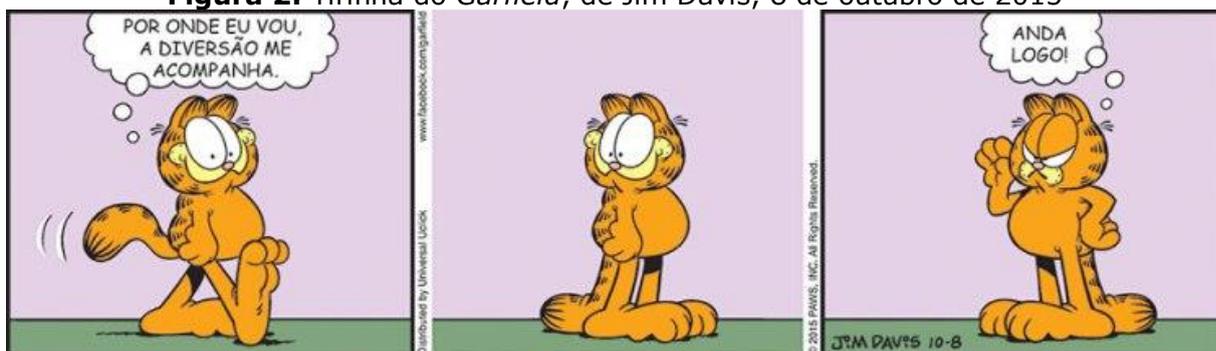
Consoante às citações supramencionadas, as narrativas das tirinhas em quadrinhos, por serem curtas e com personagens carismáticos, que trazem à baila questões pertinentes do dia a dia das pessoas, despertam a atenção dos leitores. Assim, o amálgama da linguagem verbal e não-verbal, resultando em uma linguagem mista, acaba por tornar a tirinha um texto atraente para a maioria dos leitores, que preferem textos curtos e imagéticos. Ademais, ambos autores apresentam as tirinhas como um texto com veia humorística. Nicolau (2020, p. 27) ainda acrescenta que a tirinha:

[...] faz humor, trata com ironia, satiriza e provoca reflexões, tanto as trivialidades do dia a dia quanto as questões mais sérias do país e do mundo. Sua intenção de entreter traz implícito o questionamento, a denúncia e mesmo a autocrítica.

Quanto à forma das tirinhas, Magalhães (2022, p. 15) ressalta que elas podem ser compostas por três ou quatro quadros na horizontal, como é o caso da tirinha *Garfield* (figura 2), do estadunidense Jim Davis, que apresenta três quadrinhos na horizontal. Eventualmente elas podem ser criadas na vertical,

como é o caso da primeira tirinha, do cãozinho *Bidu*, de Maurício de Sousa (figura 1). Elas ainda podem aparecer em outras formas, como “próxima ao quadrado com quatro quadros, sendo dois sobrepostos. Os quadros se apresentam, ainda, em formas regulares ou irregulares, alguns podendo ser divididos ao meio no sentido horizontal” (Magalhães, 2022, p. 15).

Figura 2: Tirinha do *Garfield*, de Jim Davis, 8 de outubro de 2015



Fonte: Eduardo Junior Weblog (2015). Disponível em: <https://eduardojunior.wordpress.com/2015/11/01/garfield-melhores-tirinhas-de-outubro/>. Acesso em: 8 de set. 2024.

O gênero textual tirinhas em quadrinhos, inicialmente, era encontrado somente em jornais e revistas. Nicolau (2020, p. 27) salienta que dentre os gêneros textuais surgidos nos jornais, as tirinhas proporcionam a população diariamente uma leitura divertida na forma de uma metáfora da realidade cotidiana.

Com o tempo e o avanço das tecnologias, no século XXI, as tirinhas ganharam o espaço digital, aparecendo em blogs, sites e redes sociais digitais, como o *WhatsApp*, o *Facebook*, o *Instagram*, o *X* (antigo *Twitter*), dentre outras. Segundo Nicolau (2013, p. 78),

[...] o termo mais adequado para as tirinhas publicadas na web e que receberiam uma ou mais características da hipermídia, como animação, *hiperlink* ou som, seria de tirinhas digitais. Aquelas produções que não incorporarem nenhuma destas características seriam apenas tirinhas *online*.

Ainda de acordo com o autor, as tirinhas em quadrinhos em meios digitais não apresentam um formato preestabelecido, adequando-se ao meio digital onde são publicadas e principalmente pela criatividade e capacidade inventiva de seus autores, que buscam sempre trazer novidades em suas criações. Devido à presença das tirinhas em quadrinhos em vários veículos de comunicação e

informação, em meio aos quais as pessoas têm contato diário, elas passaram a serem utilizadas com mais frequência como uma ferramenta didático-pedagógica em vários campos educacionais.

As tirinhas são encontradas em livros didáticos de diversas disciplinas, livros paradidáticos, livros literários, apostilas, atividades elaboradas pelos docentes, exames como ENEM e ENADE, provas de diferentes disciplinas, em questões de concursos públicos e vestibulares, como objeto de análise de produções científicas, dentre outros. Ramos (2017, p. 169) destaca a importância das tirinhas em quadrinhos no ensino, ao afirmar que:

Apesar de serem tendencialmente curtas, as tiras reúnem muita informação. Essas duas características – o tamanho diminuto, de fácil reprodução e compreensão, e a densidade do conteúdo – são dois ingredientes que ajudam a incluir essa forma de história em quadrinhos na receita do ensino brasileiro.

Conforme afirma Ramos (2017), as tirinhas em quadrinhos apresentam muitas informações, requerendo do leitor a realização de uma leitura dos elementos verbais e não-verbais, decifrando os sentidos explícitos e implícitos do texto para conseguir produzir sentido. Destarte, a leitura de tirinhas extrapola os limites dos seus quadrinhos e da folha de papel, necessitando dos conhecimentos de mundo do leitor para que possam fazer e produzir sentidos.

Vergueiro (2007, p. 21-25) destaca que a junção de palavras e imagens em textos das esferas dos quadrinhos, no ambiente escolar, tem a capacidade de tornar o ensino mais eficiente. Ainda segundo o autor, textos com quadrinhos apresentam muitas informações, a sua linguagem mista auxilia no desenvolvimento da leitura, possibilitando o enriquecimento do vocabulário dos discentes e os induzindo a pensar e a imaginar.

As tirinhas, ao combinarem elementos visuais e textuais de maneira concisa e humorística, oferecem um acesso facilitado ao universo da leitura literária e à fruição estética, promovendo o desenvolvimento da interpretação crítica e da apreciação artística. Por meio de suas narrativas resumidas e frequentemente satíricas, as tirinhas podem funcionar como uma porta de entrada para obras literárias mais complexas, despertando a curiosidade do estudante em relação a diferentes gêneros e estilos literários. Elas não apenas

estimulam o gosto pela leitura, mas também incentivam reflexões sobre temas sociais, culturais e emocionais, que são recorrentes na literatura.

Assim, ao integrar tirinhas nas aulas, os educadores podem cultivar o interesse e a habilidade de leitura, preparando o terreno para a imersão em textos literários mais complexos. Dessa forma, as tirinhas podem não só servir como um degrau de acesso ao mundo literário, mas também como um meio de promover a fruição, tornando a experiência de leitura mais prazerosa e relevante para os alunos.

2 CONCEITO DE INFERÊNCIA E SUA ABORDAGEM EM UMA TIRINHA EM QUADRINHOS *ARMANDINHO*, DE ALEXANDRE BECK

A compreensão de um texto, segundo Marcuschi (2008, p. 89), vai muito além de uma ação linguística ou cognitiva, sendo uma forma de o leitor se inserir no mundo e agir sobre ele em uma relação com o outro dentro da sociedade e do meio cultural. Um texto não traz todas as suas informações verbalizadas ou em imagens, há muitas informações que não estão “à flor textual”. Marcuschi (2008, p. 248) ressalta que o sentido não está no texto em si, nem no leitor e nem no seu autor, mas sim em uma relação interativa complexa desses três elementos.

O texto traz margens a múltiplas interpretações por seus diferentes leitores e muitas de suas informações não estão explicitadas, ficando nas entrelinhas. Maior parte do sentido do texto fica implícito, devendo a lacuna interpretativa ser preenchida por esses leitores. Assim, deve ser analisado o contexto do texto e o leitor é obrigado muitas vezes a buscar outras fontes de informação para compreender os sentidos.

Segundo Koch e Elias (2014, p. 10-11), “[...] há lugar no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação”. Marcuschi (2008, p. 239) destaca que os leitores desenvolvem atividades inferenciais no processo de compreensão de um texto.

Com esta posição admitimos que compreender é partir dos conhecimentos (informações) trazidos pelo texto e dos conhecimentos pessoais (chamados de conhecimentos enciclopédicos) para produzir (inferir) um sentido como produto de nossa leitura. Compreender um texto é realizar inferências a partir

das informações dadas no texto e situadas em contextos mais amplos.

Uma das habilidades que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) almeja que os alunos desenvolvam no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, no eixo da leitura, é a capacidade de inferir. Dentre as estratégias e procedimentos de leituras do referido documento estão:

Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.

Inferir ou deduzir informações implícitas.

Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.

Reconhecer/inferir o tema (Brasil, 2018, p. 74).

Sendo assim, é extremamente importante que os docentes de Língua Portuguesa desenvolvam com seus alunos atividades que fomentem a habilidade de inferir. A título de exemplo, um dos gêneros textuais que têm a capacidade de estimular o desenvolvimento da inferência são as tirinhas em quadrinhos.

Para a inteira e propícia compreensão do sentido das tirinhas em quadrinhos é necessário que o leitor seja capaz de perceber o que está além da interação entre o verbovisual (da imagem e do escrito). Consoante Lins e Oliveira (2009, p. 147), na análise de tiras o processo de inferenciar se dá quando “o leitor é responsável pelo preenchimento do que não foi dito, pela recuperação dos implícitos e pela percepção dos efeitos de sentido desejados pelo autor”.

A BNCC, dentro do campo jornalístico-midiático, para promover a leitura e seus efeitos de sentidos, apresenta uma habilidade que abarca o gênero tirinhas e suas características básicas. Essa habilidade é:

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc (Brasil, 2018, p. 141).

As tirinhas *Armandinho*, de Alexandre Beck (cartunista e ilustrador catarinense), que são veiculadas desde a sua criação, nos idos de 2010, são excelentes ferramentas didático-pedagógicas para o trabalho de professores de Língua Portuguesa, ampliando o repertório artístico-literário e jornalístico-midiático (posto que tal gênero se situa no limiar entre as duas esferas) dos discentes.

Em muitas das tirinhas de *Armandinho*, assim como as da personagem *Mafalda*, são consideradas contextuais, dado que costumam reagir instantaneamente a situações específicas no que tangem, por exemplo, a questões político-governamentais. Em outras palavras, a produção e veiculação dessas tirinhas, por parte de seus cartunistas e ilustradores, estão intimamente conectadas a questões cotidianas de temáticas diversas.

Considerando-se a ambiência escolar e especificamente as aulas de Língua Portuguesa, é produtor que o professor da disciplina, ao manejar o gênero tirinha em quadrinhos, apresente outros gêneros textuais da esfera jornalístico-midiática (artigo de opinião, entrevista, live, notícia, reportagem etc.), que abordem a mesma temática presente nas tirinhas, a fim de que os alunos consigam inferir adequadamente uma série de semioses presentes entre um gênero textual e outro.

Diante disso, é interessante que o professor os leve à reflexão de que, ainda que a temática seja a mesma, os gêneros do domínio jornalístico-midiático têm linguagens e templates específicos, com propósitos bem determinados, e que as tirinhas em quadrinhos, por se tratarem por excelência de textos da esfera artístico-literária (portanto textos ficcionais), apresentam também linguagem e template específicos.

O professor de Língua Portuguesa, ao percorrer o caminho de apresentar primeiro um texto do domínio jornalístico-midiático e depois a tirinha, tendem a ter experiências mais frutíferas com os alunos, no quesito da inferenciação. Considerando-se que estes, neste caso, já terão um repertório pré-estabelecido quanto à temática em questão, tendendo a preencher os vazios de sentido (lacunas a serem interpretadas) presentes nas tirinhas e ampliando, dessa forma, o repertório, quanto à compreensão dos mecanismos verbovisuais inerentes ao gênero.

Ancorando-nos nas próprias recomendações da BNCC (2018), o professor de Língua Portuguesa, ao propor o estudo das tirinhas em quadrinhos (sejam elas contextuais ou não), além da abordagem da temática em si, pode e deve explorar uma série de questões, como, por exemplo: a presença de recursos onomatopaicos, a relação tão intrínseca entre o verbovisual, as questões de natureza estilística, linguística e semântica, os explícitos, os recursos de pontuação, de sintaxe de concordância e/ou regência etc.

A fim de trabalhar o desenvolvimento da habilidade inferencial dos discentes, toma-se como recurso didático-pedagógico uma tirinha com a personagem *Armandinho* (figura 3), publicada em 28 de novembro de 2023, na rede social digital *Instagram*, monitorada pelo cartunista Alexandre Beck.

Figura 3: Tirinha *Armandinho*, 28 de novembro de 2023



Fonte: Instagram Albeck31. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/C0NCYspRdbU/?igsh=MWlyeTJ4YjR4bHEzMg==>. Acesso em: 8 de set. 2024

Quanto à tirinha acima, ela pertence a um contexto específico, dialogando com um acontecimento do ramo político-governamental. Caso ela (e muitas outras tirinhas contextuais) seja apresentada aos estudantes, sem que haja uma precedente amostra pelo docente de gêneros do domínio jornalístico-midiático, pode ocorrer com que os alunos se sintam incapacitados de realizar a devida inferência e, portanto, incapazes de compreenderem a mensagem. Diante disso, é essencial, por exemplo, a apresentação de notícias e reportagens (gêneros do domínio jornalístico-midiático) para que o alunado tenha um certo entendimento do tema, para que assim possa compreender os diferentes efeitos de sentido emanados da tirinha em quadrinhos e preencher as possíveis lacunas interpretativas.

No dia em que a tirinha foi divulgada por Beck, ocorreu no Congresso uma votação em que foram flexibilizadas as regras para aprovar, registrar e comercializar agrotóxicos no Brasil. Nessa data e na seguinte, diversos sites e jornais publicaram notícias relatando esse fato, como a *Folha de S. Paulo*, *G1*, *Carta Capital*, *UOL*, *Correio Brasiliense*, *Congresso em Foco*, *Poder 360*, *InfoMoney*, dentre outros.

Como já supramencionado nos parágrafos anteriores, antes de propor a análise temático-estrutural da tirinha em si, o professor deve apresentar uma notícia (ou outro gênero do domínio jornalístico-midiático) que circulou à época de sua publicação, como, a título de exemplo, a notícia publicada pelo portal *UOL*, intitulada "Senado aprova projeto que acelera registro de agrotóxicos no país". Tal notícia, sendo apresentada anteriormente à tirinha, fornece ao aluno o suporte necessário para que possa interpretar e inferir adequadamente. Ademais, a notícia desse portal é curta e apresentada em tópicos, o que facilita e possibilita a melhor compreensão do tema.

Após o docente apresentar a notícia e debater com os estudantes a aprovação do projeto de registro de agrotóxicos pelo Senado, ele pode solicitar a leitura e a análise da tirinha aos alunos. Os discentes devem inferir que essa tirinha está relacionada a um acontecimento contextualizado no cenário político brasileiro e que estabelece um diálogo com a notícia trabalhada, identificando a crítica tecida ao governo pelo cartunista e ilustrador.

O cartunista, aproveitando de um acontecimento da esfera político-governamental, utiliza sua tirinha para criticar e denunciar a aprovação pelo Congresso do que ele chama de “pacote de venenos”. Destarte, como as tirinhas são da esfera artístico-literária, possibilitam ao seu criador lançar mão da linguagem conotativa e de figuras de linguagem, enquanto a notícia (por ser de domínio jornalístico) deve fazer uso da linguagem formal e denotativa – é importante, neste contexto, que o professor instigue os alunos a perceberem essa diferença na linguagem entre o gênero tirinhas e notícias.

Os estudantes, ao lerem e analisarem a tirinha, devem notar que o cartunista, ao colocar entre aspas a palavra “pacote”, na fala do amigo de *Armandinho*, que no seu sentido denotativo geralmente está relacionado a um embrulho ou um conjunto de medidas e serviços, está-se empregando uma palavra com múltiplos sentidos. A expressão “pacote de venenos”, referida na tirinha, pode ser interpretada como as embalagens de agrotóxicos, assim como também os alimentos consumidos que são embalados em pacotes e muitos deles são produzidos com a utilização de agrotóxicos, além de a palavra se referir a um conjunto de medidas que o governo está tomando para liberar o uso de agrotóxicos mais rapidamente.

Ainda ao lerem a tirinha e relacioná-la com a notícia, os alunos devem ser capazes de compreender os sentidos produzidos pelos seus recursos verbais e visuais, concluindo que a aprovação de uma flexibilização para registrar e comercializar agrotóxicos irá causar inúmeros prejuízos ao meio-ambiente, à população e aos animais.

Analisando a linguagem não verbal do texto, os estudantes devem associar o “pacote de venenos” ao seu uso na agricultura, o que é exemplificado na tirinha pela presença de uma abóbora, posicionada atrás de um dos personagens, sendo um dos alimentos consumidos no Brasil, em cuja produção são utilizados diversos fertilizantes. Assim sendo, tudo que está na tirinha tem significados, nada é colocado por acaso e o conjunto do que está explícito (falas e imagens) com os implícitos do texto, que requerem a complementação do leitor, contribuem para produção de efeitos de sentidos.

É importante que na interpretação desse gênero textual seja analisada a expressão facial e corporal das personagens. A personagem que introduz as falas

com os aspectos negativos da aprovação dos “pacotes de venenos” gesticula com uma das mãos e a sua boca está bem aberta, como se estivesse falando alto, o que demonstra que está indignada com o Congresso Brasileiro. Enquanto a personagem-protagonista, *Armandinho*, não diz nada, permanecendo calada, ficando sem ter o que falar com inúmeros males que seu amigo cita, como a contaminação da água, do ar e do solo, envenenamento dos animais e aumento de doenças nos seres humanos.

Outro ponto a ser observado é a expressão do sapo, companheiro de *Armandinho* em quase todas as tirinhas. No primeiro quadrinho, o animal apresenta uma expressão sorridente e com olhar direcionado ao menino que fala. A partir do segundo quadrinho, com os malefícios elencados pelo menino de boné, o anfíbio perde seu sorriso e ganha um ar de espanto e tristeza. Já no último quadrinho, o sapo retira o foco do seu olhar do menino e olha para fora do quadrinho, como se estivesse enxergando o leitor da tirinha. Curiosamente, o pequeno anfíbio, com seu olhar pessimista diante da situação, parece querer transmitir esse sentimento para o público-leitor.

Desse modo, é de grande relevância que os professores de Língua Portuguesa e Literatura percebam que trabalhar com o gênero tirinhas em quadrinhos requer muitas vezes, principalmente com tirinhas contextuais, uma apresentação prévia de um outro gênero do campo jornalístico-midiático, que englobe aspectos e temas que são criticados e denunciados nesses textos verbovisuais. Assim, os alunos terão um repertório adequado para preencher os vazios textuais que o gênero tirinhas apresenta, sendo capazes de realizar a adequada inferência e poder, portanto, captar os múltiplos sentidos emanados desses textos multissemióticos.

CONCLUSÃO

Em síntese, em se tratando especificamente de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, muito há o que ser avaliado e discutido em todo o território nacional por especialistas da área – incluindo-se, nesse caso, uma profunda discussão acerca de documentos parametrizadores, como a própria Base Nacional Comum Curricular.

Conforme vimos no início do artigo, considerando-se as práxis didático-pedagógicas, as propostas vinculadas apenas à Gramática Normativa não dão conta de um ensino eficaz e eficiente de Língua Portuguesa. Desse modo, circunscritos na condição de professores da disciplina, é elementar o entendimento de que ministrar Língua Portuguesa vai muito além de ensinar Gramática Normativa (sobretudo descontextualizada) – deixando-se claro que consideramos a sua importância no contexto escolar e fora deste.

Ministrar aula de Língua Portuguesa e Literatura engloba (além de muitos aspectos) o ato de ensinar os gêneros textuais e os textos literários, com vistas a uma formação ético-cidadã dos alunos e à ampliação do repertório destes. Ademais, uma das habilidades a serem adquiridas pelos alunos é a inferência – e é justamente (muitas das vezes ocasionada pela falta de um pré-repertório) nela que eles têm dificuldades.

Considerando-se metaforicamente o texto como uma cebola repleta de camadas, naturalmente, o aluno tende a considerar as informações apenas à “flor textual”, não lidando de modo adequado com pressupostos e subtendidos. Em se tratando de textos multissemióticos (como as próprias tirinhas em quadrinhos), os alunos tendem a apresentar dificuldades de inferir temático-estruturalmente determinados textos – não fazendo, portanto, o correto preenchimento de vazios.

Para um trabalho adequado e frutífero com tirinhas contextuais, como o exemplo da empregada neste artigo, o professor de Língua Portuguesa e Literatura, neste caso, deve recorrer, inicialmente, a outros textos do domínio jornalístico-midiático, pois assim os alunos tendem a fazer as devidas associações. Por fim, a presente pesquisa não pretende esgotar a temática, mas tem por missão propor reflexões e remodelagens do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, quanto ao manejo adequado com as tirinhas em quadrinhos e os textos do domínio jornalístico-midiático.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRASIL. **Lei nº 13.696/2018**: Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE). Gov.br. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13696.htm. Acesso em: 14 de fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF, 2018.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Schwarcz, 2007.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 9. ed., 2006.

CANDIDO, A. **Vários escritos**: o direito à literatura. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 5. ed., 2011, p. 171-193.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GROENSTEEN, T. **História em quadrinhos**: essa desconhecida arte popular. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. de Johannes Kretschmer. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

JUNIOR, E. Garfield, melhores tirinhas de outubro. Weblog. 1 nov. 2015. **Eduardo Junior Weblog**. Disponível em: <https://eduardojunior.wordpress.com/2015/11/01/garfield-melhores-tirinhas-de-outubro/>. Acesso: 20 de fev. 2024.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**. Estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

LINS, M. P. P.; OLIVEIRA, M. L. S. A busca do sentido pelo inferencial nas tiras de Malfada. **Revista CON(TEXTOS) Linguísticos**, Vitória, n. 3. 2009, p. 143-152.

MAGALHÃES, H. **Humor em pílulas**: a força criativa das tiras brasileiras. 3. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, F. F. Nasce Bidu, primeiro personagem da Turma da Mônica: Há 55 anos... dia 18 de julho de 1959. **Efemérides do Éfemello**. 18 de jul. 2014. Disponível em: <https://efemeridesdoefemello.com/2014/07/18/nasce-bidu-primeiro-personagem-da-turma-da-monica/>. Acesso: 17 de fev. 2024.

NICOLAU, M. **Tirinha: a síntese criativa de um gênero jornalístico**. 2. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

NICOLAU, V. **Tirinhas e mídias digitais: a transformação deste gênero pelos blogs**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

PATATI, C.; BRAGA, F. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PAULINO, G.; COSSON, R. "Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola". In: ZILBERMAN, Regina; Rösing (Org.). **Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

RAMOS, P. E. **Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos**. 2. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2016.

RAMOS, P. E. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SILVA, A. M. O. C.; SILVEIRA, M. I. M. Letramento Literário: desafios e possibilidades na formação de leitores. **Revista Eletrônica de Educação de Alagoas**, v. 1, n. 1, 2013, p. 92-101.

SOUZA, R. J; COSSON, R. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP. 2011, p. 101-107.

TIRINHA ARMANDINHO. Armandinho. 28 nov. 2023. **Instagram: Albeck31**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0NCYspRdbU/?igsh=MWlYeTJ4YjR4bHEzMg==>. Acesso: 29 de fev. 2024.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 7-29.

VINHAL. G. Senado aprova projeto que acelera registro de agrotóxicos no país. **UOL**. Brasília, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/11/28/senado-aprova-projeto-que-acelera-registro-de-agrotoxicos.htm>. Acesso: 29 de fev. 2024.

YUNES, E. A provocação que a literatura faz ao leitor. In: AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e Leitura: redes de sentido**. Brasília, Liber Livro, 2010.

ZAPPONE, M. H. Y. Formas ficcionais contemporâneas e educação literária. In: **Anais do Congresso Internacional ABRALIC**, 11, 2008, São Paulo. São Paulo: [s.n.], 2008.

Sobre os autores

Rafael Curty Ribeiro

Especialista em Literatura Africana, Indígena e Latina pela União Brasileira de Faculdades - UniBF

Contato: rafaেলcurty049@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2980-2187>

José Ignacio Ribeiro Marinho

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Professor de Português na Prefeitura Municipal de Cambuci/RJ e de Itaperuna/RJ

Contato: josebrenatti@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7136-8537>

Artigo recebido em: 17 de setembro de 2024.

Artigo aceito em: 8 de outubro de 2024.